

# **PENTECOSTES - EXPLICAÇÕES DE RODA-PÉ BÍBLIA PASTORAL**

## **At 2,1-13 - PENTECOSTES - Novo Testamento**

O relato é simbólico. De fato, quando o autor escreve, as comunidades cristãs já se haviam espalhado por todas as regiões aqui mencionadas. Lucas quer mostrar o que está na base de qualquer comunidade cristã: O Espírito Santo faz lembrar, compreender e continuar o testemunho de Jesus (cf. Jo 14,26; 16,12-15).

Pentecostes, celebrado cinquenta dias depois da Páscoa, comemorava a Aliança e dom da Lei. No novo Pentecostes, Deus entrega o seu Espírito, realizando a nova Aliança, dessa vez com toda a humanidade (doze nações).

A "língua" da comunidade da nova Aliança é o testemunho de Jesus, ou seja, o Evangelho, cujo centro é o amor de Deus que reúne os homens, provocando relação e entendimento (o contrário de Babel: cf. Gn 11,1-9). Mas o testemunho provoca conflitos (v.13).

## **Gn 11,1-9 - TORRE DE BABEL**

O texto apresenta outra explicação para a diversidade de povos e línguas: é um castigo contra a pretensão coletiva que, como a dos antepassados (Gn 3), é uma falta provocada pelo orgulho (v.4).

Babel lembra certamente Babilônia (Sanaar), a civilização que se tornou o modelo das grandes potências. Babel se apresenta como símbolo da cidade deformada pela auto-suficiência, que produz uma estrutura injusta, exploradora e opressora. A reunião dos povos e línguas acontecerá no Pentecostes (At 2) e na consumação da história (Ap 21-22)

Na mesma linha de Gn 3-11, a ambigüidade humana produz uma relação social competitiva (Gn 4,1-16), uma cultura ambígua (Gn 4, 17-26), um processo histórico caótico (Gn 6-8) e uma cidade idolátrica (Gn 11, 1-11).

Daqui para frente, começa uma nova história, voltada para uma relação social justa, para uma cultura verdadeiramente humana, para um processo histórico dirigido para a vida, e uma cidade fundada na justiça e na fraternidade.

## **Ez 37 1-14 - OSSOS RESSEQUIDOS**

É um dos trechos mais conhecidos de Ezequiel. A palavra profética, tal como a palavra criadora (Gn 1), convoca o espírito para libertar e restaurar a Cida do povo de Deus, que tinha sido dominado, destruído e exilado.

À primeira vista, tudo parece morto e sem esperança. Essa morte, porém, só acontece de fato quando o povo deixa alienar, conformando-se com uma visão fatalista, que o torna passivo diante da sua própria história.

Contudo, tomando consciência de sua dignidade, o povo começa a se reunir e a se organizar. Ergue-se, então, como grande exército e se põe a lutar para construir nova sociedade e nova história.

## 1Cor 12, 1-31 - OS DONS OU CARISMAS – NOVO TESTAMENTO

1-3: Na efervescência carismática dos coríntios existem traços pagãos. Estes se reúnem para cultivar o espetacular e o fascínio pelo sobrenatural impregnado de mística pagã; isso acaba tornando-se verdadeiro ópio. Paulo adverte: nem todas as manifestações de entusiasmo religioso provêm de Deus. Na mística cristã, o primeiro critério para discernir os verdadeiros dons do Espírito é reconhecer Jesus como Senhor.

4-11: A trindade é a base sobre a qual a comunidade se constrói: nesta, toda ação provém do Pai, todo serviço provém de Jesus e todos os dons (=carismas) provém do Espírito. Cada pessoa na comunidade recebe um dom, ou melhor, é um dom para o bem de todos. Por isso, cada um, sendo o que é e fazendo o que pode, **age** para o bem da comunidade, colocando-se a **serviço** de todos como **dom** gratuito. Desse modo, cada um e todos se tornam testemunho e sacramento da **ação, serviço** e **dom** do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Paulo enumera apenas os carismas de direção e ensino. A lista não é completa, pois cada pessoa é um carisma para a comunidade toda.

12-31: A imagem do corpo é usada para falar da unidade, diversidade e solidariedade que caracterizam a comunidade cristã. Esta é **una**, porque forma o corpo de Cristo, dado que todos receberam o mesmo batismo e o mesmo Espírito, que produzem a comunhão e igualdade fundamental. Contudo, as pessoas são **diferentes** entre si; cada uma com sua originalidade, contribui, de maneira indispensável, para a construção e crescimento de todos; portanto, não há lugar para complexos de superioridade ou inferioridade.

O cimento da vida comunitária é a **solidariedade**, que faz todos voltar-se para cada um, principalmente para os mais fracos e necessitados, partilhando os sofrimentos e alegrias.

O caminho que ultrapassa a todos os dons e ao qual todos os membros da comunidade devem aspirar é o **amor**.

## Ex 12,1-28 – A PÁScoa NO ANTIGO TESTAMENTO

**v.1-14:** A festa da Páscoa era primitivamente um ritual realizado por pastores: para proteger dos espíritos maus a família e o rebanho, eles matavam um animal e com o sangue dele tingiam a entrada da tenda. Com o êxodo, o ritual adquire sentido novo: a Páscoa será a lembrança perpétua do Deus vivo que, para libertar o povo, derrota o opressor e seus ídolos.

Nesse contexto, os espíritos maus são tomados como passagem do próprio Javé (flagelo destruidor, v.13; cf. v. 23: o exterminador): ele vem para fazer justiça, punindo o opressor e protegendo o oprimido [Cf. Sl 146 (145)].

Assumida pelos cristãos como festa principal, a Páscoa será a lembrança permanente de que Deus liberta seu povo através de Jesus Cristo, novo cordeiro pascal (cf. Jo 19,14)

**v.15-20:** A festa dos *Pães sem fermento* era primitivamente celebrada por agricultores na ocasião da colheita: a finalidade era não misturar o produto da colheita anterior com o produto da nova. Essa mistura podia acontecer se fosse usado o fermento, que era conservado com parte da massa feita da colheita anterior. A sociedade que nasceu da liberdade não deve conter elemento nenhum da sociedade estruturada sobre a opressão.

**v. 21-28:** O ritual da Páscoa mantém viva a memória da libertação, ao longo de todas as gerações. A celebração da Páscoa educa, isto é, transmite uma consciência, para que a nova geração não fique alienada, reproduzindo uma sociedade estruturada na desigualdade e opressão.

### (Ex 12) A PÁSCOA

**Roda-pe da BÍBLIA de JERUSALEM** q) A longa passagem sobre a Páscoa (12,1 – 13,16) contém uma antiga tradição javist (12,21-23.27b.29-39), acréscimos no estilo do Deuteronomio (12,24-27<sup>a</sup>; 13,3-16; talvez 13,1-2) e acréscimo da redação sacerdotal: as leis rituais e a significação da Páscoa (12,1-20.28.40-51). Com esses acréscimos pode-se comparar os rituais de Lv 23,5-8; Nm 28,16-25; Dt 16,1-8.

De fato, Páscoa e Ázimos são duas festas originariamente distintas: os Ázimos eram uma festa agrícola que começou a ser celebrada somente em Canaã, e só foi unida à festa da Páscoa depois da reforma de Josias.

A Páscoa, de origem pré-israelita, é uma festa anual de pastores nômades, para o bem dos rebanhos. O começo da antiga narrativa (v 21), que a menciona sem explicação, supõe que ela já fosse conhecida; ela era certamente a “festa de lahweh” que Moisés pedia permissão a Faraó para ir celebrar (cf 5,1+). Assim, a ligação entre a Páscoa, a décima praga e a saída do Egito é apenas ocasional: esta saída acontece por ocasião da festa. Mas essa coincidência temporal justifica os acréscimos deuteronomizantes de Ex 12,24-27; 13, 3-10. Explicam a festa da Páscoa (e dos Ázimos) como o memorial da saída do Egito (cf. Dt 16, 1-3). A tradição sacerdotal relaciona todoo ritual da Páscoa com a décima praga e a saída do Egito (12,11b-14.42). Aliás, essa ligação é mais antiga, porque a narrativa javista (12,34 +.39) coloca o antigo rito pascal dos pães sem fermento em relação com a saída do Egito.

Postos em relação histórica com este acontecimento decisivo para a vocação de Israel, esses ritos adquirem uma significação religiosa totalmente nova: exprimem a salvação trazida ao povo por Deus, como explica a instrução que acompanha a festa (12, 26-27; 13,8).

A Páscoa judaica preparava assim a Páscoa cristã: Cristo, Cordeiro de Deus, é imolado (Cruz) e comido (Ceia) no quadro da Páscoa judaica (semana Santa). Ele traz a salvação ao mundo, e a renovação mística deste ato de redenção torna-se o centro da liturgia cristã que se organiza tendo por centro a missa, sacrifício e refeição.

## Ex 23,14-19 – AS FESTAS PRINCIPAIS

As três grandes festas marcam o ritmo da vida agrícola, lembrando que o Senhor da vida é Javé.:

1. A **feira dos Pães sem fermento** é celebrada na primavera;
2. A **feira da Messe**, também chamada **feira das Semanas** (cf. Ex 34,22), é celebrada sete semana ou cinquenta dias depois do início da colheita do trigo, chamada posteriormente **feira de Pentecostes**; e
3. A **feira da Colheita**, também chamada **feira das Tendras**, era a mais popular e se realizava no outono, no final da estação dos frutos; durante essa feira, faziam-se cabanas de folhagem, relembrando os acampamentos hebreus no deserto.

### As expressões

#### “segundo o Espírito” e “segundo os instintos egoístas”

**Gl 5,16-18:** As expressões “segundo o Espírito” e “segundo os instintos egoístas” (*literalmente*: “segundo a carne”) não designam duas partes do homem, e sim duas orientações diferentes de comportamento:

- “segundo o Espírito” é a orientação do amor, que leva o ser humano a servir o outro;
- “segundo os instintos egoístas” é a orientação do egoísmo, que leva o ser humano a servir a si mesmo.

**Rom 7,1-6:** .... Os “instintos egoístas” (*literalmente* “a carne”) são os desejos e projetos do homem fechado no seu egoísmo, fonte de todos os pecados: é a vida do homem voltado para si mesmo, colocando tudo a serviço dos próprios caprichos e interesses. Daí nasce a corrupção das relações humanas e a promoção de um sistema social que institucionaliza as relações injustas, nas quais um homem explora e oprime o outro.

O regime novo do Espírito é bem o contrário: a exemplo de Jesus cristo, o ser humano não vive mais para si, mas para Deus e para o bem do outro. O projeto de Deus, que é justiça e fraternidade entre os seres humanos, torna-se o projeto de uma nova ordem social, e esta supera o sistema injusto.

-----  
Veja outras reflexões sobre Pentecostes e o Espírito Santo:

<http://xacute1.com/?p=5046>